



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# As madurezas do Augusto

Por JOAQUIM VIEIRA de CARVALHO

**Q**UEM olhasse para aquelas bochechas, ao cima das quais brilhavam uns olhos de grandes pupilas cõr de azeitona bem curtida e entre os quais se destacava uma boquita de lábios carnudos, e vermelhos, descaída aos cantos, diria logo: «— Por este, não virá mal ao mundo» ou, então: «este não inventou a pólvora». De facto, era o pobre Augustito quem pagava as

favas, quando aparecia alguma coisa mal feita, porque seus irmãos, três ladinos rapazes mais velhos do que ele, viam-no, sempre, tão passivo e condescendente em carregar com as culpas

alheias, que já não faziam cerimónia. Um dia, o caso foi mais grave. Desapa-

receu certa quantia de sôbre a mesa, que a criada afirmou ter ali colocado.

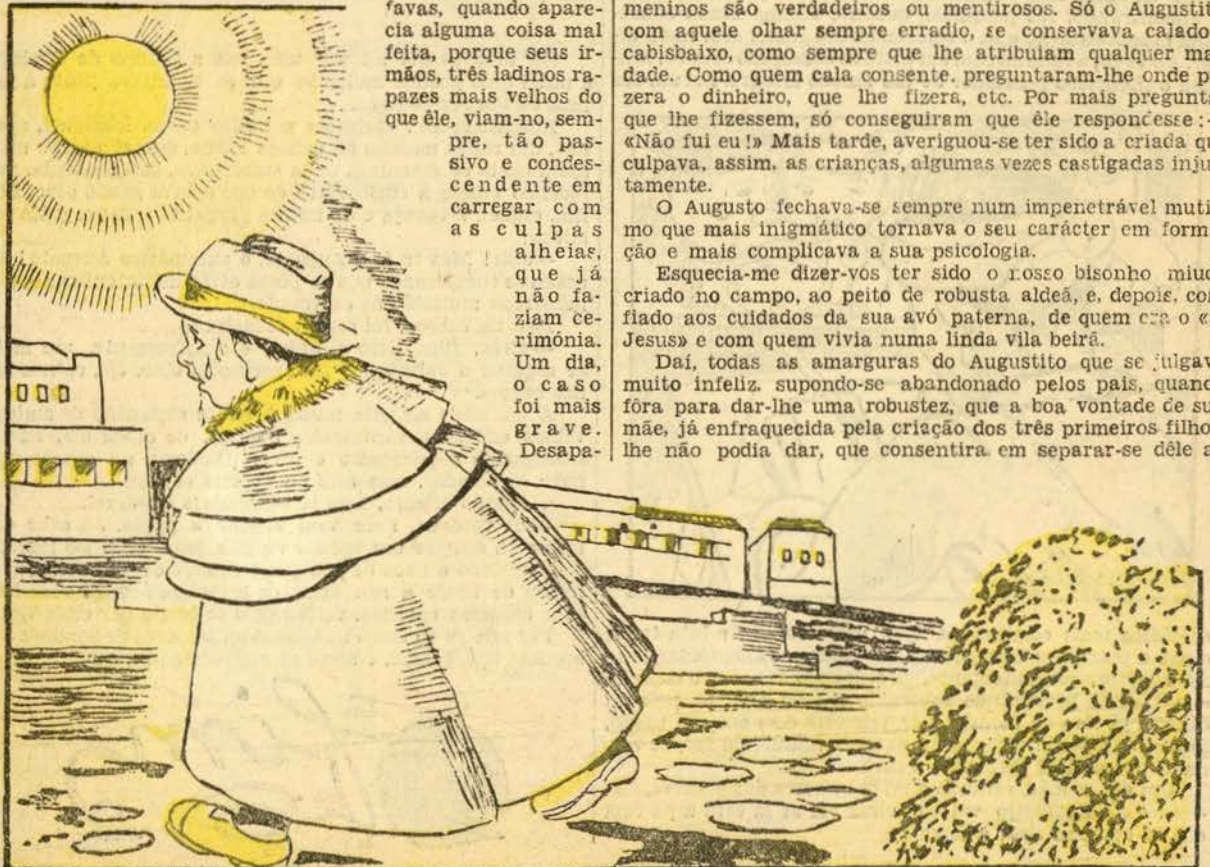
Inquiriu-se dos quatro petizes. Os três mais velhos, protestaram energicamente, afirmando a sua inocência, com os olhos bem abertos para que sua mãe visse bem que nesses espelhos da alma não havia pintas...

Não sei se os meninos sabem que, quando se mente, se formam umas pintas nos olhos, pelas quais se percebe que estão mentindo, e, assim, muitas mães vêem logo se os meninos são verdadeiros ou mentirosos. Só o Augustito, com aquele olhar sempre erradio, se conservava calado e cabisbaixo, como sempre que lhe atribuíam qualquer maldade. Como quem cala consente, perguntaram-lhe onde puzera o dinheiro, que lhe fizera, etc. Por mais perguntas que lhe fizessem, só conseguiram que ele respondesse: «Não fui eu!» Mais tarde, averiguou-se ter sido a criada que culpava, assim, as crianças, algumas vezes castigadas injustamente.

O Augusto fechava-se sempre num impenetrável mutismo que mais enigmático tornava o seu carácter em formação e mais complicava a sua psicologia.

Esquecia-me dizer-vos ter sido o rosso bisonho miudo criado no campo, ao peito de robusta aldeã, e, depois, confiado aos cuidados da sua avó paterna, de quem creio o «ai Jesus» e com quem vivia numa linda vila beirã.

Dai, todas as amarguras do Augustito que se julgava muito infeliz supondo-se abandonado pelos pais, quando fôra para dar-lhe uma robustez, que a boa vontade de sua mãe, já enfraquecida pela criação dos três primeiros filhos, lhe não podia dar, que consentira em separar-se d'ele ao



nascer. O pobre pequeno sentia-se estranho entre os seus irmãos, num meio muito diferente daquele em que vivera até ali. Se até lhe faltava aquela grande fogueira que a avó tinha no chão da sua cozinha!... Aquela lareira, junto da qual se escarrapachava, (com grave risco de se queimar) fôsse de inverno, fôsse de verão, afogueado no rosto mas insensível ao frio e ao calor, nem que fôsse de torrar pardais a três metros de distância, com um grande prato de batatas ou a malga dos feijões entre as pernas rechonchudas, onde a Sorninha, a cadelita amarela, ia meter, atrevidamente, o nariz. Nem tinha ali aqueles vastos campos onde todas as expansões são permitidas, até aquelas que as mamãs não consentem que os meninos tenham na cama...

Por isso, os seus primeiros dias, quando voltou para casa dos pais, foram, para ele, um verdadeiro suplício. Um dia, uma visita da casa perguntou a todos os pequenos como se chamavam. Todos responderam; e, como o mais novo ficasse calado, a senhora perguntou-lhe.

— «Então, e o menino? Não me diz o seu nome?»

Ele com a sua voz lenta e a sua pronúncia beirã, respondeu: — «Eu cá, xou neto!» Era assim que a avó tratava quando a êle se referia para terceiros...

Para ser mais infeliz, até o Destino decretára ser êle o número quatro e último dos filhos de seus pais, dando em resultado virem os fatos, que já não serviam a seus irmãos, a acabar nêle e, assim, poucas vezes tinha a sorte de lhe comprarem um fato novo. Havia lá coisa mais triste?!...

Quando chegou à sua posse um cómodo capote alentejano que, a-pesar-de estar já no quarto e último possuidor, ameaçava ser eterno, êle nunca mais o largou.

Fazia tudo automaticamente. Como se habituára no inverno a levá-lo para a escola, não deu pela mudança de estação, continuando sempre a levá-lo, não o largando senão para o colocar sobre a cama quando dormia.

A mãe perguntava-lhe: — «Tu sentes frio na cama com tanto calor? Para que precisas lá do capote?» Resposta: — «Não sei... gosto de lá vêr aquilo...»

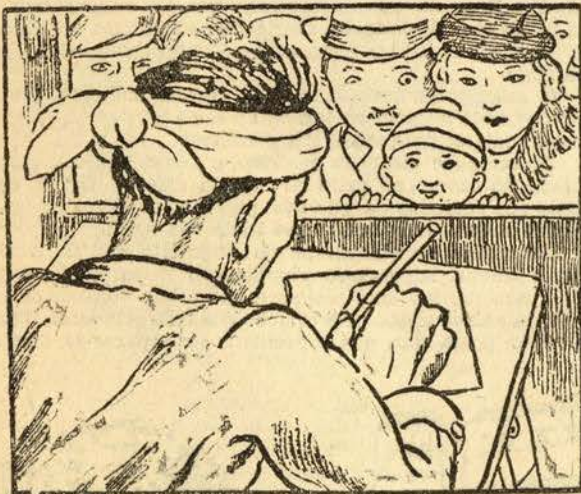
Para êle o não levar para a escola, (o que dava prova de pouco juízo) sua mãe tinha que espreitar a sua saída para lho tirar dos ombros. Chegou a esconder-lho numa mala do sótão mas êle, sem nada dizer ou perguntar, não o encontrando, fez pesquisas durante alguns dias e conseguiu descantá-lo, e lá o colocou no seu posto, sem nada dizer. Ao vê-lo, a família com um grito de desespero cómico, acolheu o silencioso possuidor de tão amado tesouro. Foi um dos



Ele sóbe dois andares e volta, dizendo: — «Está sim, mamã.» — «Dá cá.» — «Não trouxe; a mamã só disse que fôsse vêr...»

Era assim o Augusto e tem muitas mais partidas que eu nunca mais acabaria de mencionar se vo-las pudesse contar. Mas o tempo passa e êle já é um homenzinho, aliás deveras inteligente. Revelou-se um desenhador-caricaturista, e alguns dos meninos já se terão rido com os seus bonecos, espalhados em várias revistas.

Mas é sempre o mesmo: — Alma simples e cabeça na lua! Esquece-se das horas de comer, esquece-se da hora do comboio, se tem de fazer alguma viagem... Etc. E, há dias, tendo de ir levar um trabalho a um jornal onde colabora, preparou-se, pentecou-se, vestiu o sobretudo — (porque o capote já se gastára há muito) — e dispôs-se a pegar no desenho que devia entregar... Mas, só depois de o procurar em vão, é que se lembrou de que... nem, sequer o tinha principiado.



episódios mais cómicos da vida dêste rapaz; a luta tenaz entre o possuidor desapossado, trabalhando silenciosamente na sombra, pacientemente, procurando reaver o objecto, e a família procurando subtrai-lo a todo o custo, pois tal capote, já fóra da moda, e pela teimosia com que era usado, fazendo já parte integrante daquele minúsculo ser, se tornava por demais fastidioso e caricato.

Um dia, a mãe, estando a mudar a terra das plantas, diz-lhe: — «O Augustito vai lá acima vêr se lá está a pá com que eu costume tirar a terra.»

Há dias passei ali por uma rua a Campo de Ourique e notei uma grande multidão que se apinhava junto à janela de um rez-do-chão.

Aproximei-me; curioso e a muito custo, lobriguei, apenas, um rapaz moreno de cabeça atada, curvado sobre uma mesa cheia de desenhos, onde trabalhava, serenamente, parecendo alheio à curiosidade de que estava sendo alvo. Por fim, ergueu a cabeça e da minha garganta saiu um grito jubiloso:

— «Oh! Mas tu és o Augusto, o automático Augusto! Só assim se compreende que se possa estar indiferente ante tão numerosa multidão de espectadores!»

Isso na cabeça, foi algum desastre?»

— «Não, filho, isto é, única e simplesmente, um meio de segurar o cabelo que me incomoda, disse êle, caindo-me nos braços.

A multidão assistia muda à nossa expansão de amigos velhos que se reencontram, quando, de entre ela, surge, transpondo o parapeito e precipitando-se no quarto, um novo espectador, mas êste da espécie canina.

— «Estás célebre, bem relacionado!» Observei.

— «E verdade. Este vem buscar a razão. Já sabe que tenho cá sempre um bocado de pão para êle.» De facto, o cão, recebido o naco de pão que o célebre e original Augusto tomou de sobre a sua mesa de trabalho, acompanhando-o com algumas carícias, voltou pelo caminho por onde viera.

Por isto se vê como se escondem tesouros de bondade sob broncas aparências, e como as aparências iludem.

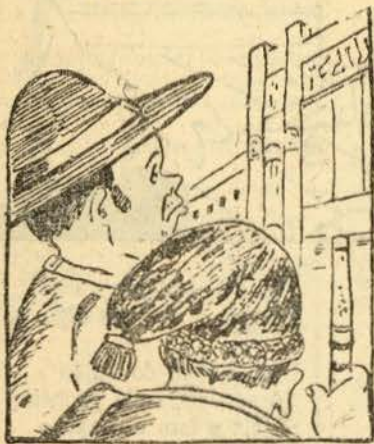


# ESPERTEZA SALOIA

Por FELIZ VENTURA

**C**ERTO dia, Zé Manel  
Mais o compadre Zé Brôa,  
Abalaram, de longada,  
A caminho de Lisboa.

Chegados à capital,  
Sem terem quem os guiasse  
E da tão bela cidade  
O mais belo lhes mostrasse,



Resolveram os campônios,  
Depois de muito pensar,  
Pelas ruas e avenidas  
Irem os dois passear.

Passada quási uma hora,  
Cansados de caminhar,  
Resolveram, sem demora,  
Nalgum lado descansar.

Vendo, numa taboleta,  
as letras: — *Café-Bilhar*,  
Logo o Manel e o Zé Brôa  
Combinaram lá entrar.

Mas quando a uma mesinha,  
Se achavam já instalados,  
Vem um criado e pergunta,  
Com uns modos delicados:

— «Que desejam os senhores,  
Façam favor de dizer.»  
E sabem o que os campônios  
Acabam por responder?



O Zé Manel, quando viu  
Serem tratados, assim,  
Com tão grandes honras, disse:  
— «Quero um café para mim.»

E o Zé Brôa, todo inchado,  
Disse, assim, sem hesitar:  
— «Eu cá não quero café,  
Traga-me antes um bilhar.»

## A lição da coelhinha

Por ARLETE GUERREIRO  
(ARGENTINITA)

**D**A licença, minha senhora?» — (preguntou, entre portas, a voz esgançada da menina Pata, a azougada criadinha da D. Coelha.)

— «Entra... — (respondeu esta, desviando do espelho, muito a seu pesar, os olhinhos vermelhos que lá estavam, presumidamente cravados, havia mais de um quarto de hora.)

A Patinha, segurando uma rica salva de prata, onde vinha um sôbrescrito azul, muito grande e perfumado, entrou, tôda chibante no seu vestido preto, que um avental branco, de «organdi» e rendas, cobria galantemente.

Ao vêr o sôbrescrito os olhos da senhora Coelha brilharam de satisfação e ainda mais exultou quando leu as letras muito douradinhas do cartão que se apressara a tirar do sôbrescrito.

— «Marido! Marido, lê... — (gritou ela, muito entusiasmada ao senhor Coelho, que entrava nesse momento, imponente na sua farda de oficial do exército, onde brilhavam algumas condecorações a atestarem a sua bravura.)

— «Então? — (preguntou a D. Coelha, vendo que, terminada a leitura, o respeitável focinho do esposo não exprimia o mínimo sinal de entusiasmo.)

— «Então... Que queres que te diga, filha?!»

— «O que quero que me digas? Ora essa! Parece-me que a honra que o visconde Mocho nos dá, convidando-nos para a sua festa, vale bem algumas palavras... quanto mais não seja de agradecimento!»

— «Uma festa em casa do visconde? Ora, adeus!... Simples pretexto para a exibição da vaidade de certas cabeças ócas a começar pela dele...»

(Continua na página 7)



# O JOGO do FEIJÃO

Por JOSINO AMADO

José

— Amigos, que andais fazendo,  
Aí, de rastos, no chão?

ANTÓNIO

— Andamo-nos entretendo...

MÁRIO

— A jogarmos o feijão.

José

— De joelhos no terriço,  
O que fazeis, dizei lá,  
O que ganhais vós com isso?

MÁRIO

— Ora, essa não é má!  
Eu já ganhei vinte e cinco.

ANTÓNIO

— E eu já perdi trinta e três...  
Mas, deixá-lo, brinco, brinco,  
E, jogando com afinco,  
Posso ganhar outra vez.

José

— Ao jôgo em que sois parceiros,  
Ambos perdeis, companheiros.

MÁRIO

— Não, hoje não perco, não.  
Já ganhei êstes que tenho  
Aqui na palma da mão.

ANTÓNIO

— E eu ainda não me empenho;  
Ontem ganhei ao Viriato  
Assim, bem cheio, um punhado.



José

— O que tendes é o fato  
Todo sujo e esfarrapado.  
Bem podem as vossas mães  
Gastar sabão a lavar!...

ANTÓNIO

— E tu, santinho, que tens  
Que nos vir incomodar?!...

MÁRIO

— Fora!... fora! oh! que arrelia!  
É bem melhor que nos deixes.  
Larga a nossa freguesia,  
Vai antes prègar aos peixes!...

José

— O mangar é côr de ganga...  
Porém, eu sou vosso amigo.

Olhai lá, nada de zanga,  
Escutai o que vos digo.

Com o jôgo do feijão  
Só perdeis, nada ganhais;  
Sujais o fato e o sabão  
É o suor dos vossos pais.

Rompeis o calçado, a roupa,  
Que custam tanto dinheiro,  
E, bem sabeis, quem não poupa,  
Nunca chega a brasileiro!

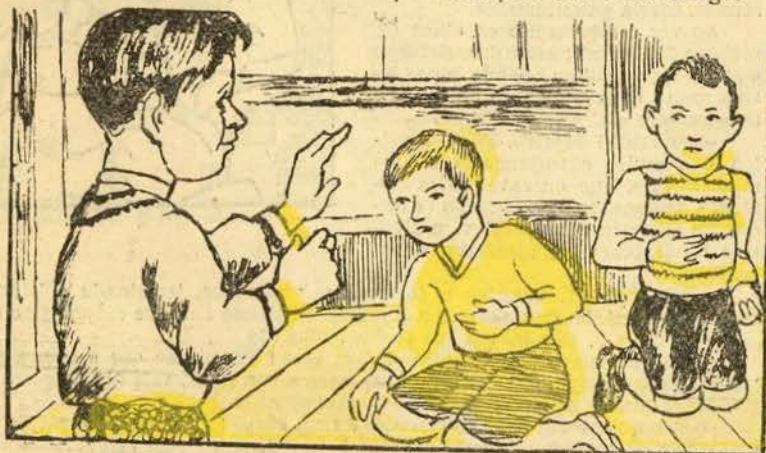
Perdeis horas, um tesouro,  
E horas mais horas são meses,  
Tempo que vale bom ouro,  
Como dizem os ingleses.

Olhai, nos feijões pegai,  
E parti já a semeá-los.  
Cavai, adubai, regai,  
Se qu'reis centuplicá-los.

E depois levai à feira  
Muito feijão a vender.  
Podereis dessa maneira  
Vir um dia a enriquecer.

MÁRIO E ANTÓNIO

— Bom conselho, bela idea!  
Vamos fazer o que dizes.  
Quem cava, lavra e semeia,  
Viverá dias felizes!!!...



# Cada qual para o que nasceu

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

**U**M rei para se desferrar da grande conseira e responsabilidades de governar, costumava distrair-se dando grandes passeios pelo campo. Ali, à sombra das árvores, entregava-se à leitura dos seus livros predilectos, livre de maçadas e aborrecimentos.

Certo dia afastou-se para mais longe e lembrou-se, contrariado, que se esquecerá do seu livro num banco do jardim do palácio.

Precisava de alguém que lho fôsse buscar. Olhou em volta e viu, num campo fronteiro, um rapazinho que guardava um bando de gansos.

— «Olá, pequeno! — chamou êle. — Anda cá!»

— «Não posso. Vocemecê não vê que, se



eu sair daqui, os gansos safam-se! Fale-me donde está, ou venha, aqui, ter comigo.»

— «Escuta o que digo. — Gritou-lhe o rei, divertido com os moços do garoto. — Logo à entrada do jardim do palácio, está um livro, em cima dum banco. Vai buscá-lo. A porta ficou encostada. Quando voltares, dou-te uma moeda de ouro.»

— «O pequeno, que nunca vira o rei, o'hou-o desconfiado.

Oferecerem-lhe, assim, uma moeda de ouro por tão pouca cousa, parecia-lhe história!

— «Vocemecê está mas é a mangar comigo!»

— «Porque havia eu de mangar contigo? Fazes-me um serviço, é natural que to pague.»

— «O dinheiro não se ganha assim, com esta facilidade!... Só se vocemecê, por ser empregado lá do palácio, enche as algibeiras com pouco trabalho! Cá por mim!...»

— «Ora deixa-te de falatório, que eu tenho pressa. Vai já buscar o livro, anda! A minha, terá a moeda prometida.»

Os olhos do pequeno brilharam mas êle não se mexeu.

— «Então, porque esperas tu?!»

— «Como hei-de eu ir, se os danados dos gansos fogem e estragam tudo, aí pelos campos? Ganho uma moeda de ouro mas o patrão despede-me depois!»

— «Se é só por isso, eu guardo-te os gansos» — replicou o rei, bonacheirão.

O garoto deu uma gargalhada.

— «Essa é boa! Vocemecê tem lá jeito!

Julga que é fácil tomar conta destes endemoninhados!... Mal eu volte costas, aposto que levantam vôo! Tão certo como eu me chamar António! Estão costumados a ver-me sempre atrás deles e aquilo nem com os meus ganhos de um ano, eu posso pagar os danos que fazem! Sabe lá!...

Olhe, o cinzento, que além vê, é, como quem diz, o chefe da tropa. Um mariola que só faz o que lhe apetece, tal qual os fidalgos da corte! É êle que leva os outros para a vadiagem! Nada!... Vá antes vocemecê em busca do tal livro. Eu não arredo pé daqui!»

O rei, perdido de riso, tornou:

— «Pois podes ir descansado. Eu tomarei conta dos bichos. Sei dirigir homens... Já vês que os teus gansos sempre serão mais fáceis de levar! Anda, despacha-te! Eu fico com os animais e os estragos, que se atreverem a fazer, eu os pegarei.»

O pequeno, então, decidiu-se e partiu, correndo.

Assim que êle desapareceu, o ganso cinzento esticou o pescôço, bateu as asas umas poucas de vezes e fez um ruído grasnido. A êste sinal, o bando inteiro, meio correndo, meio voando, com o ganso cinzento à frente, invadiu a propriedade vizinha.

Fiel à sua promessa, o rei seguiu o bando indisciplinado mas como o muro era alto e êle menos ágil que o pequeno guarda, quando passou para o outro lado, já os gansos estavam na propriedade contígua.

Aos berros, quiz juntá-los. Debalde! Cada vez corriam mais depressa!

Farto de correr e de gritar, o rei desistiu daquela perseguição e sentou-se, murmurando:

— «O garoto, afinal, tinha razão! Os

bichos são tão difíceis de governar como os homens!»

Divertidíssimo com o caso, ria a bom rir, e tanto que nem deu pela volta do rapaz. Esse é que não riu e ao reparar que os seus gansos tinham desaparecido, deixou cair o livro que trazia nas mãos, desampontado e aflito.

— «Eu bem dizia que vocemecê não era capaz de mos guardar!» — lamentou-se êle, numa voz chorosa. — «Que hei-de eu fazer, agora?... Não tenho só de pagar os estragos; tenho que juntar os gansos e o'zinho não posso! Trate de me ajudar, anda!»

Lá explicou ao rei como devia agitar os braços para espantar os animais e pô-lo

em fuga.

— «O garoto, afinal, tinha razão! Os

bichos são tão difíceis de governar como os homens!»

Divertidíssimo com o caso, ria a bom rir, e tanto que nem deu pela volta do rapaz.

Esse é que não riu e ao reparar que os seus gansos tinham desaparecido, deixou cair o livro que trazia nas mãos, desampontado e aflito.

— «Eu bem dizia que vocemecê não era capaz de mos guardar!» — lamentou-se êle, numa voz chorosa.

— «Que hei-de eu fazer, agora?... Não tenho só de pagar os estragos; tenho que juntar os gansos e o'zinho não posso! Trate de me ajudar, anda!»

Lá explicou ao rei como devia agitar os braços para espantar os animais e pô-lo

em fuga.



bichos são tão difíceis de governar como os homens!»

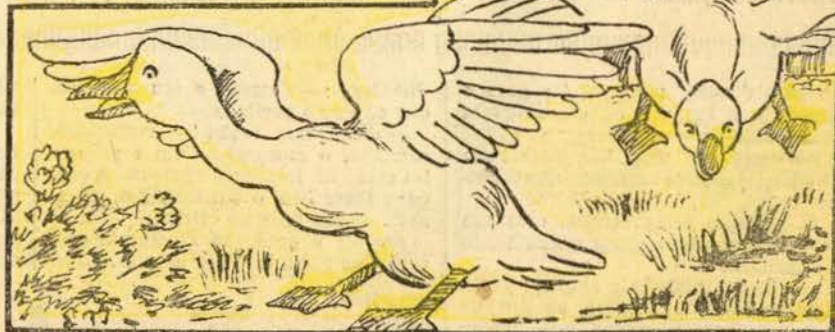
Divertidíssimo com o caso, ria a bom rir, e tanto que nem deu pela volta do rapaz.

Esse é que não riu e ao reparar que os seus gansos tinham desaparecido, deixou cair o livro que trazia nas mãos, desampontado e aflito.

— «Eu bem dizia que vocemecê não era capaz de mos guardar!» — lamentou-se êle, numa voz chorosa.

— «Que hei-de eu fazer, agora?... Não tenho só de pagar os estragos; tenho que juntar os gansos e o'zinho não posso! Trate de me ajudar, anda!»

Lá explicou ao rei como devia agitar os braços para espantar os animais e pô-lo



# REFERÊNCIA AUXILIAR

Reedificado em 1160 por D. Gualdim Pais, mestre dos templários, segundo uma inscrição feita sobre a porta do castelo, ergue-se este numa pequena ilhota do Tejo, próximo da foz do rio Zézere. Julga-se ter sido fundado por romanos ou lusitanos.

Em 1170, Gualdim Pais deu foral aos seus povoadores, julgando-se, por conseguinte, haver povoação permanente, e com termo próprio, em uma ou nas duas margens do rio.

A oeste, tem quatro tórres circulares a distâncias iguais; a leste mais cinco e, a par da de menagem, que se vê ao centro, eleva-se outra torre quadrada. Tinha uma grande abóbada, com interessantes laçarias que se têm desmoronado.

Sobre o castelo contam-se curiosas e inverosímeis lendas cavalheirescas. Encontra-se, actualmente, na posse da Escola Prática de Engenharia.

## ATENÇÃO

Terminando, com o presente número, a série das gravuras que constituem o Concurso de palácios e monumentos de Portugal, damos a conhecer os prémios que iremos distribuir, os quais são constituídos por interessantes livros infantis profusamente ilustrados:

*Para as cadernetas mais artísticas.*

1.º prémio: — Uma colecção de 3 livros.

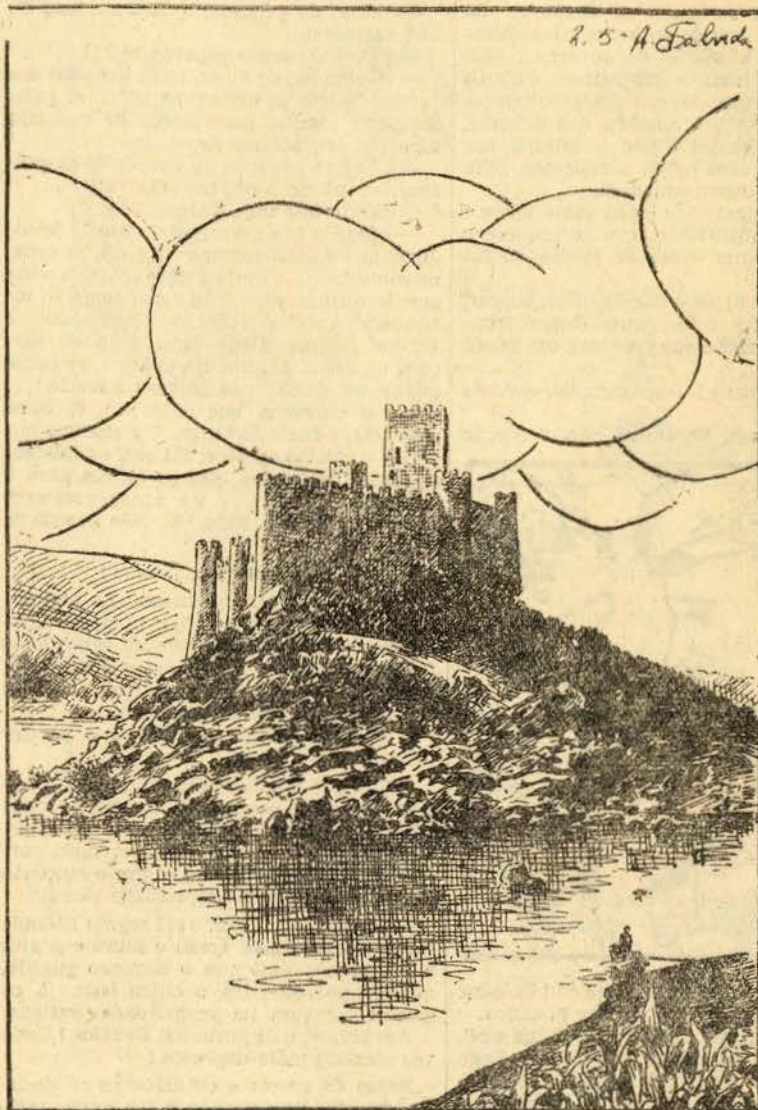
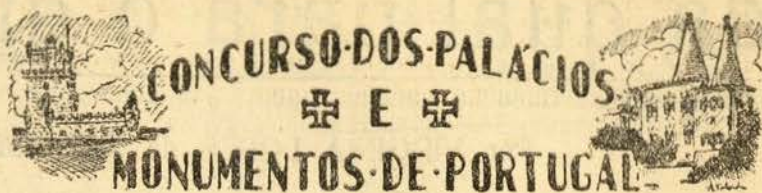
2.º prémio: — Dois livros.

3.º prémio: — Um livro.

Além destes será atribuído mais um livro a cada um dos três atingidos pelo sorteio, entre os que tiverem acertado.

Os signatários de cadernetas artísticas, premiadas ou classificadas com *Menção Honrosa*, têm direito à publicação da fotografia na *Galeria de Honra*, a esse fim destinada.

O prazo para a entrega das cadernetas, termina no dia 20 de



Março, devendo ser endereçadas à redacção deste suplemento, com a indicação: *Concurso dos Palácios e Monumentos*.

do lado direito, correndo éle para o esquerdo, a enxotar os que estavam mais longe.

Só depois de uma boa meia hora de grandes esforços conseguiram reún-los todos.

O pequeno olhou, então, com um soberano desprêso quem assim tanto o enganára.

— «Nunca mais caio noutra! Vá lá a gente fiar-se!... Agora, mesmo que o rei me viesse pedir para tomar conta dos meus gansos, eu respondia-

-lhe logo: — Guarde o seu dinheiro, que eu não o aceito!»

— «E tinhas razão! — respondeu, sorrindo, o monarca. Com o próprio rei estás tu falando e confesso-te que, para fazer bem o teu trabalho, precisava de dar anos ao officio».

Ao ver a confusão do garoto que, vermelho até à raiz dos cabelos, quasi

chorava de aflicção, o rei rematou bondosamente:

— «Não me queiras mal, pequeno. Eu fiz o que pude. Toma lá dez moedas de oiro para te indemnizar de todos os desastres succedidos. Continua a servir, assim, tão bem, o teu patrão, que eu nunca mais me atreverei a guardar os teus gansos, descansa!»

# A lição da coelhinha (Continuado da página 2)

— «Sempre és muito mal educado!...» — (respondeu, irritada, a Senhora Coelha. E, mudando de tom, continuou:)  
— «Final, importam-me pouco as tuas apreciações! Eu é que não quero deixar passar a oportunidade de fazer valer a minha beleza e elegância, e quero (acrescentou um pouco mais ternamente) ir vestida de forma a não servir de troça à brilhante assistência que costuma frequentar os salões do visconde...»

— «O quê?... Mais vestidos?! (assustou-se o Senhor Coelho) — Mas, ó mulher, onde vou eu buscar o dinheiro para a satisfação das tuas vaidades e caprichos? Ainda há pouco tempo paguei uma continha, bem redonda por sinal, relativa a uma infinidade de trapos sem valia, e ainda não estás satisfeita?!»

— «Sempre és muito sovina e «bota de elásticos!» — (disse, entre abespinhada e irónica, a D. Coelha) — Pois tu queres que a mulher dum bravo militar, de um herói, que se bateu valentemente pela Pátria, vá a uma festa, que primará pela sua elegância e bom gosto, com uns reles vestidos fartos de serem vistos?!...»

— «Sim? Pois a bravura de um militar que deu o seu sangue pela Pátria, reflecte-se nos vestidos de sua mulher? A fé de quem sou que não sabia!...» (respondeu, ironicamente, o Senhor Coelho, tão trocista quanto irritado.)

— «Estás maluco, não há que ver!... E sabes que mais? Não estou disposta a aturar as tuas casmurrices... Hei-de ir à festa do visconde, para que fômos tão honrosamente convidados e...»

— «Grande honra!!...» — (resmungou o Coelho, não a deixando terminar a frase) — Pois vai se quizeres e podes levar o vestido azul que apenas vestiste uma vez e que te fica lindamente» — (rematou o Senhor Coelho, ansioso por terminar uma discussão desagradável.)

— «O que dizes tu? Apresentar-me com um vestido que apenas poderá servir para esfregão da cozinha? O que diria o visconde e os seus elegantes convidados? Estás «lucas» de todo!...»

Neste momento, a menina Coelhinha, que entrara sem ser apresentada e havia escutado a conversa dos pais, interveio entre séria e risonha:

— «Mas, mamã, isso é vaidade, e a vaidade é um feio pecado, segundo diz a senhora professora Girafa que é uma grande sábia. Quere saber o que ela nos disse quando nós trocámos da filha da vizinha Feruá, porque se apresentará na festa da escola com o vestido póbrezinho que usava todos os dias?!»

Que não é pelo luxo que se avalia o valor das pessoas. Essa criatura, que se apresentara pobre mas asseadamente vestida, valia mais do que muitas ricas, em virtude dos seus sentimentos caritativos, pela sua inteligência e amor ao estudo, e porque era simples e boa, tão boa que já nos perdoara a maldade da nossa troça.

O próprio Jesus, que era filho de Deus, andava descalço pelo mundo e procurava, de preferência, os simples e os humildes, pois é quasi sempre na alma destes que a Beleza e a Bondade se alojam.

Que nunca devemos trocar de quem, valendo mais do que nós, quer pela sua alma, quer pelo seu valor, ande modestamente vestido, pelo facto do Destino lhe não ter dado meios.

O Senhor Coelho não se pôde conter mais. Correu a abraçar a filha que,

embora ingenuamente, tão bela lição acabava de dar e, envolvendo no mesmo abraço a mamã Coelha, que os olhava enternecida, perguntou à esposa:

— «Estás, enfim, curada do feio pecado da vaidade, não é assim, querida mulherzinha?»

— «Sim, meu maridinho, estou curada, graças à educação que dão às almas pequeninas nesse sublime tempo que se chama: **Escola!**...»

*Meus queridos pequeninos: Atental bem no conceito desta historiazinha, decorrida entre pobres Coelhinhos mas que podia ter-se passado entre criaturas humanas, não é verdade?...*



## OS NOSSOS CONCURSOS | ANEDOTAS | A DIVINHA



Mariana de Jesus Carrete Gomes  
autora do conto «Vestido Rasgado»  
classificado nos Concursos Mensais

Em certa época, Manel começou a interessar-se pela aviação. Arranjou uma carta do presidente da Camara para um oficial aviador.

Numa linda manhã, Manel meteu pés a caminho até Alverca, acompanhado pela cara metade — a Ti' Jacinta.

Entraram para um aeroplano. Quando chegaram a certa altura, o salão disse:

— «Ah, Jacinta, que não se vê nada!»

— «Qual não se vê, homem! Olha, lá vai o comboio, em baixo!»

— «Já te disse que não se vê nada!»

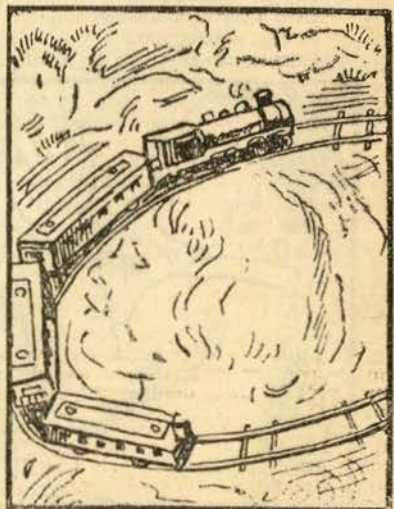
— «Vê-se, homem! Estás cego!»

— «Cala-te, Jacinta! Olha, que ainda nos põem no meio da rua!...»

\*

Um espanhol disse certa vez:  
— «Eu queria ter uma libra por cada grão de azeite que há no mar.»

Gregório respondeu, prontamente:  
— «Pois eu não quero tanto. Queria ter só o Terreiro do Paço cheio de libras até ao tecto.»



Meus meninos:  
Vejam se descobrem o dono deste interessante comboiozinho.

# CADA QUAL NO SEU LUGAR

Por ARGENTINITA



Sapateiro Zé Baeta.  
Cansado de bater sola,  
Pensou, um dia, o pateta,  
Transformar-se em mestre-escola.



— «Rica idea, seu Baeta!...»  
Diz ele, a cantarolar,  
Indo à janela pregar  
Uma enorme taboleta



Que ostentava, mui taful,  
Em letra bem garrafal:  
«GRANDE COLEGIO DO SUL,  
O MELHOR DE PORTUGAL».



«Zé Povinho», jubilou  
Com a nova de mão cheia,  
E, bem célere, voou  
Dum ponto ao outro da aldeia.



Dentro de breves instantes,  
Entram p'ra lá, de roldão,  
Tanto adultos como infantes  
Em busca da instrução.



Depois de todos sentados,  
— Em bancos, e até no chão —  
Diz o «mestre»: — «Pio! Calados!  
Vai começar a lição!...»



E aos alunos, que nem mesmo  
Sabiam ler e contar,  
Pôs-se, então, a eito e a esmo,  
Só tolices a explicar.



Alguns tempos decorrido,  
O povinho lá da aldeia,  
Vendo como era iludido,  
Deu tão valente tareia

No pobre do mestre-escola,  
Que ficou «lucas» — coitado! —  
E gemeu: — «Volto p'rá sola...  
P'rá arte que fui talhado!...»



Este contozinho afaz-se  
A um conceito profundo:  
Cada um, cá neste mundo,  
Cumpra a missão p'ra que nasce!...